



**FONTILLE, Brigitte; IMBERT, Patrick** (dir.). *Trans, multi, interculturalité, trans, multi, interdisciplinarité*. Québec: Presses de l'Université Laval, 2012 (Collection L'Espace Public). 258p. ISBN 978-2-7637-1518-6.

*Nubia Hanciau*

*Submetido em 09 de maio e aprovado em 09 de maio de 2013*

A coleção “L’Espace Public”, lugar privilegiado para reflexão a respei-

to dos fenômenos da atualidade, pretende mostrar com mais este livro os limites e também a falta de alcance em alguns debates atuais, entre eles os expostos em *Trans, multi, interculturalité, trans, multi, interdisciplinarité*. Tendo em sua origem uma oficina com o mesmo título, que enfocou as Américas plurais, organizado pelo Conselho de Pesquisas em Ciências Humanas do Canadá, os organizadores do livro demonstram inicialmente seu reconhecimento por essa chancela. Logo a seguir, no prefácio intitulado “Vers la néodisciplinarité”, seu autor e diretor da coleção, Yves Laberge, lembra oportunamente: “a interdisciplinaridade não é mais uma panaceia, nem um obstáculo; ela é compreendida de maneiras muito diferentes ainda em nossos dias”; e vai além esclarecendo que “um dos pontos fortes deste livro reside justamente em sua capacidade de fazer desaparecer as fronteiras em dois contextos aparentemente imutáveis: as disciplinas e a cultura, tomadas em seu conjunto e em sua complexidade. Ao precon-

zar diversas estratégias transdisciplinares e neodisciplinares em debates longe de se esgotarem, é que os organizadores de *Trans, multi, interculturalité, trans, multi, interdisciplinarité* e os autores dos artigos inovam, abordando fenômenos próprios à cultura quebequense e, ao mesmo tempo, universal.

Logo a seguir ao prefácio, na introdução denominada “A cultura indisciplinada”, assinada por Brigitte Fontille e Rachel Van Deventer, da Universidade de Ottawa, as autoras esclarecem que os textos reunidos sob o título *Trans, multi, interculturalité, trans, multi, interdisciplinarité* não são comunicações científicas separadas, mas o diálogo estabelecido entre pesquisadores de diferentes práticas, diferentes abordagens sobre diferentes assuntos, em que o interesse pelas Américas plurais, as relações culturais e as relações interdisciplinares testemunha sobre a ambição de uma abordagem transversal das problemáticas tratadas. Segundo as autoras, “construído como verdadeira obra polifônica, cada parte

combina textos estreitamente ligados em procedimento conjunto, que oferece, em simultaneidade transcendente, reflexões múltiplas sobre um mesmo assunto”. É através da ciência, da sociedade, da estética, da história, da mitologia, das artes e da mídia que são explorados o cultural e o disciplinar perpassando os conceitos de *inter, multi e trans*, para apreender os mecanismos da sociedade dos saberes, avançando nos estudos multidisciplinares.

O livro é distribuído em quatro seções. **Michael Finkenthal** abre a primeira delas, composta por cinco artigos e intitulada “Cultura e disciplinas: reflexões teóricas sobre o inter, o multi e o trans”. Em seu texto “O sentido das abordagens inter e multidisciplinares para o estudo do multiculturalismo como problema complexo”, ele se interroga a respeito do próprio conceito de complexidade, sua situação, se pertence à epistemologia ou à ontologia, se é um fenômeno real, e ainda como gerenciá-lo. Partindo do modelo científico em que um sistema complexo é dividido em subsistemas

que interagem, Finkenthal leva a repensar os fenômenos de maneira diferente, ao mesmo tempo em que propõe ferramentas para a análise e metodologia para abordar um conceito tão complexo como é o multiculturalismo.

No próximo artigo, “Por uma mutação epistemológica das ciências do homem”, **Pierre Lévy**, também da Universidade de Ottawa, consagra suas reflexões à eliminação de separações entre as disciplinas das ciências humanas e o modelo científico. Ao considerar a mutação, facilitada desde a vinda e o desenvolvimento da era do numérico em direção à universalização das ciências humanas, Lévy deplora a ausência de ferramentas semânticas comuns para explorar a cognição simbólica a respeito do modelo dos conhecimentos científicos; Lévy vê a Internet como um sistema possível de coordenação semântica orientado em direção à criação de uma metalinguagem científica a serviço das ciências humanas. Com a Internet dispomos pela primeira vez de um instrumento de observa-

ção da vida simbólica humana que poderia, segundo ele, produzir dados mais precisos, refinamento teórico, sabedoria das práticas, e ainda engendrar um diálogo criativo entre os pesquisadores. Nesse sentido ele trabalha para a emergência de um cérebro coletivo em rede mundial, que contribui a produzir saberes enriquecidos pela mutação epistemológica das ciências do homem por intermédio de sua metalinguagem IEML (Informação, Economia, Metalinguagem).

**Patrick Imbert**, por sua vez, persegue a exploração da complexidade das redes e dos sistemas de pensamento que interagem na sociedade moderna, vislumbrando o encontro de todo conteúdo heterogêneo, a exemplo das disciplinas ou das culturas e das relações com a alteridade. Depois de um desenvolvimento teórico alentado que esclarece as forças e os limites das noções de inter e multi, Imbert apresenta sua visão da transdisciplinaridade e aventura-se muito naturalmente na transculturalidade. Seu texto esclarece o sistema complexo elabo-

rado por Yann Martel no romance *As aventuras de Pi*, através do qual apresenta sua visão sobre a transculturalidade. O estudo desenvolvido pelo professor da Universidade de Ottawa Patrick Imbert transporta o leitor à realidade transdisciplinar na qual se encontra Pi em seu barco simbólico, e demonstra que essa maneira não excludente de abordar a realidade evita o jogo de resultado zero, levando-o a gerenciá-la de forma eficaz, na perspectiva transcultural. Nada se perde e nada se cria. É na ordem da transformação e da adaptação que são vividas situações que recorrem à improvisação constante no modo da coadaptação, competência tornada essencial para os agentes que vivem em sociedades caracterizadas por dinâmicas plurais.

Para observar de mais perto os conceitos de inter, multi e trans ligados a uma prática cultural concreta, **Afef Benessaieh** recorre ao exemplo de uma consulta maior a respeito da cidadania, a consulta da Comissão Bouchard-Taylor sobre os “accomodements raiso-

nables” [acomodações razoáveis]. Primeiro Benessaieh estabelece um panorama histórico sobre os fenômenos culturais nas Américas, para definir, a seguir, os três conceitos de base que norteiam esse livro: o inter, o multi e o trans aplicados à cultura. Depois da leitura dos 843 projetos que constituem o relatório da Comissão Bouchard-Taylor, ela observa que o modelo do transculturalismo canadense, amplamente criticado e rejeitado, é vivido sob o modo coabitacional, o qual encoraja e cultiva as diferenças. Fica demonstrada a nítida preferência pelo modelo interculturalista que presume diferença de culturas, mas sob o modo de “harmonização respeitosa das diferenças”. Depreende-se de sua análise a existência de opiniões que conduzem à abertura a conceitos de transformabilidade e de multiplicidade das pertenças culturais. Benessaieh, professora de estudos internacionais na Télé-université da UQAM e de sociologia na mesma universidade, conclui que, em resposta às visões do mito original e da cultura autêntica, a perspectiva

transcultural concebe as culturas como “trajetórias coletivas com contornos cambiantes”.

Encerra essa primeira seção **Klaus-Dieter Ertler**, da Universität Graz (Áustria), que, com a ajuda das teorias da comunicação de Niklas Luhmann, sublinha a necessidade de adotar novas abordagens para compreender as tendências culturais complexas das sociedades emergentes, uma vez que os antigos modelos binários não têm mais condições de dar conta da complexidade das novas interações. Segundo Ertler, os primeiros conceitos transculturais foram observados em primeiro lugar em sociedades mestiças, o Brasil por exemplo. Partindo de uma visão histórica dos discursos sobre a cultura, sobretudo de dois exemplos precisos de mudança de paradigmas epistemológicos no mundo ocidental, ele propõe a ideia segundo a qual o modelo de Niklas Luhmann é precursor, hoje sustentado sobre as variantes inter/multi/trans, que favorecem a construção ou percepção de novas possibilidades de ligações no seio de um meio

ambiente. Em sintonia com Finkenthal e Lévy, Ertler insiste no conceito de que quanto mais se reduz um modelo, mais se está em condições de olhar amplamente a complexidade das relações. As teorias e os argumentos de Luhmann contribuíram para redefinir um novo nível complexo de explicação, no qual a epistemologia de uma sociedade poderia ser ao mesmo tempo aberta e fechada. Em consequência, a modificação da perspectiva é uma das aquisições da evolução da cultura no plano histórico.

Na segunda seção, nomeada “Dualismo e tríade: reconhecimentos e transições nas Américas” e composta por quatro artigos, **Amy-Diana Colin** assina “Além da cor?”, primeiro texto da seção, onde examina as modulações das perspectivas binárias, para ilustrar como estas podem modelar nossas perspectivas analíticas e como os binarismos são ferramentas cognitivas que facilmente podem se tornar armadilhas – apesar da importância de com eles trabalhar –, visando a revelar seus usos e limites. Colin,

que trabalha no Institute for Coexistence Studies and Intercultural Mediation (Suíça), explora o que chama de *master tropes*, duplo par de oposições binárias inextricavelmente ligadas: privado *versus* público e pessoal *versus* universal, examinados nas obras literárias de três autores de origens culturais completamente diferentes: o prêmio Nobel Wole Soyinka, autor nigeriano, Isaac Bashevis Singer, autor judeu polonês, e ainda Charles Taylor, teórico do multiculturalismo. Colin sublinha que os três autores utilizam as oposições binárias para compreender fenômenos socioculturais universais, apresentando simultaneamente uma ideia das particularidades de suas respectivas tradições culturais, na tentativa de assim esclarecer os conflitos de sociedade. Contudo, segundo Colin, a leitura contemporânea dessas obras salienta precisamente a dicotomia entre o “universal” e o “particular” que seus autores contestam.

**Fernando Andacht**, da Universidade de Ottawa, em “A música como representação transcultural

da identidade nacional em um documentário latino-americano” aborda a problemática da representação da identidade cultural por meio de um exemplo preciso: um documentário uruguaio intitulado *Hit. Historias de canciones que hicieron historia*. Seu itinerário tem a dinâmica de um *road-movie*, na medida em que o filme atravessa diferentes gerações e diversos gêneros da música popular. Andacht examina como vencer, apesar dos obstáculos, o dualismo reducionista estabelecido por um sistema binário que coloca de um lado uma identidade original e autêntica e do outro uma identidade influenciada pela mundialização que a cultura popular representa. Ele tenta dessa maneira pensar sobre o valor múltiplo, utilizando o exemplo da dicotomia tradicional que existe entre músicas autênticas (a música folclórica) e os produtos comerciais da indústria cultural de massa (música popular). Andacht sublinha através do documentário que o povo uruguaio cantava canções de todos os países do mundo, mas não possuía sua própria can-

ção. É essa história que serve de prólogo ao documentário, que trata da busca de canções apresentadas para preencher esse vazio nacional. Depois de debater em profundidade a respeito do princípio da continuidade lógica, do universo da cultura popular, e de focar a busca das canções perdidas do Uruguai, ele conclui postulando o abandono das dicotomias, pelo *continuum* lógico das coisas no lugar do dualismo reducionista.

A seguir, em “Os estudos canadenses: perspectivas transamericanas”, **Zilá Bernd** apresenta a evolução dos estudos canadenses no Brasil e na América Latina, abordando, nas três subdivisões de seu texto, o porquê e como desenvolver os estudos canadenses (EC) no Brasil e na América Latina, os percursos dessa reflexão, para, em um terceiro segmento, pensar a respeito da inscrição dos estudos canadenses no contexto das Américas plurais, estudos que vão da inter à transamericanidade. Ao propor o afastamento das culturas hegemônicas, Zilá Bernd, ao longo de sua trajetória retoma

sua prática no âmbito das pesquisas transamericanas, cuja perspectiva é a única capaz de confrontar a disjunção entre as disciplinas e de produzir efeitos de transversalidade entre os saberes. Sem pretender uma síntese qualquer ou promover um diálogo consensual, ela sustenta que a base transcultural propõe – a partir do confronto das diferenças – o surgimento de novas ideias que não hierarquizam as culturas, mas ultrapassam os limites das línguas e das nações, permitindo assim iluminar os sistemas relacionais. Nesse percurso sobressai o rico diálogo com uma plêiade de pesquisadores que defendem há longa data essas avenidas transdisciplinares e interdisciplinares reconfiguradas continuamente.

**Winfried Siemerling** convida a refletir sobre a adoção dos termos que permitem estudar Mary Ann Shadd, uma das protagonistas mais visíveis do Canadá negro no século XIX, e sugere que a perspectiva multiculturalista limita a análise de seu papel, opondo-se à tentativa de reduzir a diferença racial. Ao tentar

aplicar um paradigma transnacional, Siemerling é confrontada por outros debates terminológicos, tais como o uso dos termos cosmopolita, diaspórico e diaspórico pós-colonial. Mesmo que esses termos forneçam uma abordagem nuançada para estudar os respectivos conceitos, é preciso considerar também alguns deslocamentos entre as categorias. O caso de Mary Ann Shadd coloca à prova definições rígidas ou típicas desses conceitos, tendo em vista que seu papel não se limita a uma designação baseada na nação ou no multiculturalismo, no transnacionalismo ou no cosmopolitismo. Siemerling, depois de ler Shadd numa perspectiva transnacional, conclui que ainda é difícil encontrar termos apropriados para qualificar os deslocamentos socioculturais complexos que resultam do colonialismo e da edificação de uma nação moderna, e que é muito mais apropriado, notadamente no caso de Shadd, adotar uma abordagem “e/e” do que “ou/ou”, perspectiva esta que acredita que a vida **não é um jogo empatado.**

**Isaac Nahon-Serfaty**, da Universidade de Ottawa, abre a **terceira seção**, “Inclusões/exclusões”, com o décimo texto da coletânea, denominado “A construção do neomito: discursos e produção de sentido na América Latina”, afirmando que os discursos nesse contexto latino-americano, sobretudo os políticos, podem ser caracterizados como empreendimento retórico que exprime a tensão permanente entre tradição e modernidade. Os recentes processos de modernização, em particular os ligados ao desenvolvimento das formalidades e dos rituais democráticos, e também certa ideia de progresso econômico, criaram, de acordo com Nahon-Serfaty, a ilusão de que os temas míticos estariam retraídos. Ele lembra que a primeira década do século XXI demarcou-se pelo retorno do mito na cena pública latino-americana, e usa a Revolução Bolivariana na Venezuela sob o regime de Hugo Chávez como referência para analisar a reintrodução de elementos míticos no discurso político em circulação. Com a ajuda de algumas chaves

teóricas propostas por Scott Lash em torno da concepção da modernização reflexiva, particularmente estética, ele examina os mecanismos de produção de sentido e identidade mobilizados pelo discurso multidisciplinar e transdisciplinar neomítico no contexto de uma Babel mundial altamente fragmentada. Por fim, propõe a constituição de um discurso alternativo em torno do “mito civil” em oposição ao mito militarista, autoritário e fundamentalmente reacionário enunciado pela “revolução chavista”.

No contexto das reflexões desenvolvidas na coletânea, **Maria Fernanda Arentsen**, do Colégio Universitário de Saint-Boniface, Manitoba, fecha essa seção propondo uma análise das relações transculturais nas sociedades contemporâneas com base no ponto de vista antropológico da cultura. Recorre aos estudos de Zilá Bernd, Patrick Imbert, Afef Benassaieh, Michael Finkenthal desenvolvidos nos artigos precedentes, e aos teóricos Michel Foucault e René Girard, para analisar obras literárias e ci-

nematográficas que apresentam um personagem em situação de *handicap* e exclusão – manifestação de diferença visível –, com o objetivo de esclarecer em que medida as sociedades do século XXI fundam sua unidade-diversidade, segundo a expressão de Édouard Glissant, pensador martinicano que introduz seu texto em epígrafe. Contrariando os métodos dualistas de exclusão, Arentsen propõe um contexto transcultural e o contato com o outro, que transcendam os limites culturais, única possibilidade de eliminar a hierarquia e a exclusão social e de redefinir certos problemas relacionados à marginalidade.

A **quarta seção**, “Pertencas específicas e contexto global”, fecha a coletânea com o texto de **Boulou Ebanda de B’béri**, da Universidade de Ottawa, intitulado “Visões de pertencas específicas e contexto global”. Aqui o autor repensa o nacionalismo colonial/pós-colonial por meio da observação de expressões ditas transgeográficas nos filmes de três diretores: Raoul Peck, Abderrahmane Sissako e Jean-

Marie Téo. B'béri, ao mesmo tempo em que propõe a ideia segundo a qual tais práticas de representação podem servir de pretexto adequado para abrir os limites teóricos das noções de nação e transnacional, aponta para os enunciados ideológicos e subjetivos nos respectivos filmes, os quais provocam e incitam à formação de um grupo identitário complexo: a africani(ci)dade. Sustenta ainda ele que os cineastas utilizam o cinema para articular uma consciência política com o objetivo de criar uma mitologia transgeográfica, a africani(ci)dade, cuja representação cultural conduz ao exame das semelhanças e das especificidades do genocídio cultural das nações africanas pós-independência, uma vez que esses filmes conseguem reformular a visão da negritude enquanto regime de verdade incontestada.

Finalizando, retomamos o objetivo essencial de *Trans, multi, inter-*

*culturalité, trans, multi, interdisciplinarité*: o de interessar-se pelas consequências dos empréstimos (métodos, perspectivas, conceitos, definições) efetuados em uma série de teorias, aplicados a outras e em diferentes campos do conhecimento, para esclarecer questões sociopolíticas em contextos culturais diferentes. Na introdução ao seu texto, Patrick Imbert pergunta: “Por que reexaminar as relações entre inter, multi e trans, e entre inter, multi, transdisciplinaridade e inter, multi, transculturalidade”? Ele responde e com suas palavras fecha-se esta apresentação do livro: “Porque no contexto contemporâneo da legitimação dos deslocamentos geográficos e simbólicos, é importante considerar as relações com as alteridades de uma maneira nova, que permita a interação eficaz de uns com os outros, a fim de alcançar encontros que transformem cada um positivamente”.